

“Não seria possível a qualquer homem público atravessar o que eu atravesssei sem o auxílio dedicado do que chamamos, na Inglaterra, a nossa melhor metade”

—Winston Churchill



## Lady Churchill

Isabella Taves

**F**OI O CASAMENTO mais elegante da temporada londrina de 1908, na Igreja de St. Margaret, igreja paroquial de Westminster. A noiva chegou quatro minutos atrasada, e o noivo sentiu um tal alívio ao vê-la que lhe deu um vigoroso apêrto de mão no altar. Um dos nobres convidados observou:

—Lá vão dois pirralhos desembaraçados. Esse casamento não dura seis meses.

No dia 12 de setembro dêste ano os dois pirralhos desembaraçados, Sir Winston e Lady Churchill, comemorarão o seu quinquagésimo primeiro aniversário de casamento. O Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha ao tempo da guerra declarou certa vez que convencer Clementine Hozier a casar-se com êle foi a sua vitória mais brilhante. Mulher encantadora e extraordinária, “Clemmie” dedicou êste meio século a controlar

o temperamento ardente e a impetuosidade apressada de seu marido famoso, embora muitas vezes exasperante.

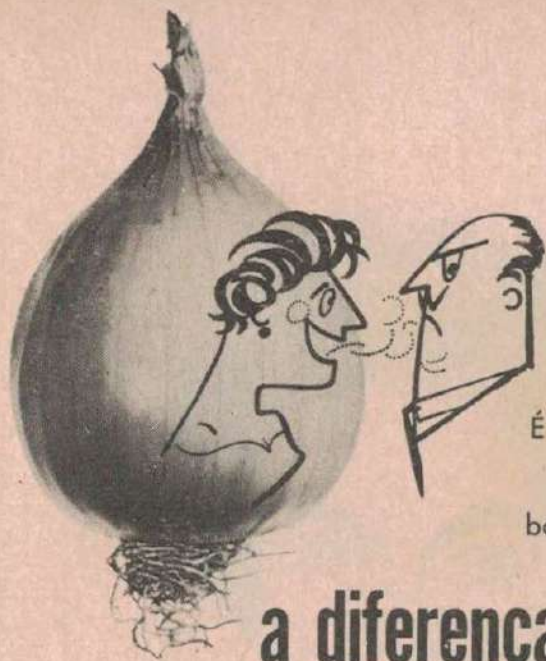
Clementine Churchill preferiu conservar-se nos bastidores, mas as pessoas que observam seu "espírito orientador" agindo d'esses bastidores, com grande distinção e habilidade, consideram-na com um respeito que beira o temor. Uma das secretárias do Primeiro-Ministro durante a Segunda Guerra Mundial, Elizabeth Nel, escreveu em *A Secretária do Sr. Churchill*: "Sempre achei que a principal contribuição de Lady Churchill para a grandeza do marido consistia em fazer-lhe frente. Outras mulheres poderiam tê-lo estragado com adoração; ela não o deixava ser egoísta."

A própria Lady Churchill tem demonstrado, com graça, sua percepção do que representa para o marido. Um dia em que falava por êle, nas eleições de 1950, um apanteante apresentou um recorte de jornal que citava uma crítica acerba feita em 1908, pelo Sr. Churchill, à política dos conservadores.

Ela olhou o recorte e depois leu-o para o povo.

—Estou casada há pouco mais de 40 anos—disse ela.—Esta declaração foi feita há 42 anos... antes de eu assumir o contrôle dêle.

Edward R. Murrow, que fazia irradiações da Inglaterra para os Estados Unidos durante a guerra, disse uma vez, referindo-se a Lady Churchill: "É a única pessoa no mundo que já interrompeu Churchill em



Se você diz coisas alegres e ninguém sorri, cuidado! É que suas palavras não têm bom gosto!

## a diferença é Mentasol

Agora sim! Suas palavras têm bom gosto! Você pode falar de perto, sem disfarçar!

Você usa MENTASOL, à base de Clorofila!

Além de purificar o hálito,

MENTASOL protege contra a cárie, deixando os dentes claros e brilhantes!

MENTASOL tem um gostinho formidável de hortelã!



dentifrício à base de **Clorofila**



### CLOROFILA

o "verde" dos vegetais — é altamente recomendada pela moderna ciência na higiene bucal!



plena oratória—não porque quisesse falar ela mesma, e sim porque estava presente alguém com informações que ela sabia de interêsse para êle.” Foi durante os anos de guerra que muitas vêzes se ouviu Lady Churchill insistindo com o marido para que “tratasse bem” o General de Gaulle.

O excelente francês de Lady Churchill tem ajudado imensamente Sir Winston em suas relações com dignitários estrangeiros, pois êle não fala bem essa língua. Ela aprendeu francês em pequena. Quando tinha 14 anos, Lady Blanche Hozier, sua mãe, transferiu-se para a França com os seus quatro filhos. Naquela ocasião dispunha ela, para a sua manutenção e a dos filhos, de nove libras semanais, e a vida na França era mais barata.

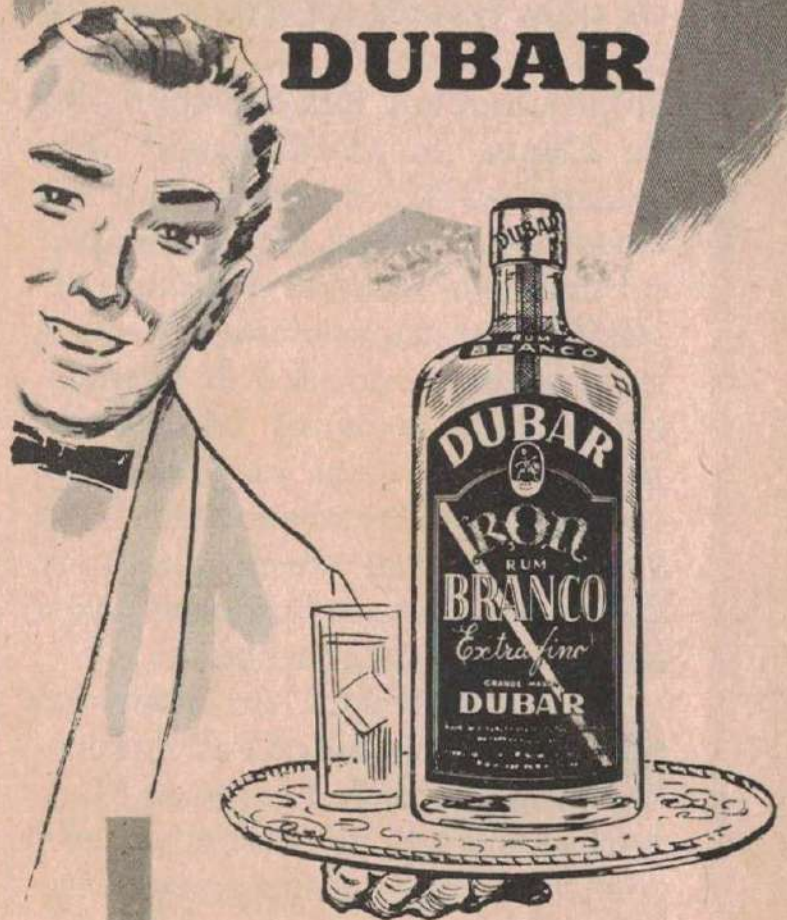
Aos 15 anos, Clementine voltou para a Inglaterra a fim de freqüentar a Escola de Berkhamsted, em Hertfordshire. Boa aluna, ela queria continuar os estudos em Girton, a primeira faculdade para mulheres, na Universidade de Cambridge. Em vez disso, levaram-na para Londres, onde, aos 19 anos, foi apresentada à sociedade. Fêz sucesso imediato, com o seu belo porte, seus cabelos castanhos, macios e ondulados, seus enormes olhos cinzentos. Lady Cynthia Asquith recorda em suas memórias que “suas feições magnificamente cinzeladas ficariam esplêndidas numa moeda. ‘É um rosto que vai durar’, diziam todos”.

Clementine Hozier tinha 23 anos

- Minha sugestão ?  
... RUM BRANCO  
**DUBAR**

porque é  
o mais puro  
mais saboroso... e é

**DUBAR**



Remeta o seu endereço à  
DUBAR S. A., Cx. Postal, 142  
- São Paulo e receba um  
folheto com receitas dos  
melhores coqueteis DUBAR

sirene

Há uma delícia  
**DUBAR**  
para cada paladar

Prepare RUMBARÁ - a feliz mistura de Rum Branco Dubar com o delicioso Guaraná Champagne da Antarctica.

quando, num jantar oferecido por sua tia-avó, conheceu Winston Churchill. Tinha êle 33 anos e era o mais falado dos novatos na política britânica, embora os comentários nem sempre lhe fôssem favoráveis. Jovem "emproado", com uma cabeça irrequieta, "coroadada de fiapos de cabelos ruivos espetados para os lados", êle tinha entrada em tôda a sociedade aristocrática (seu pai, Lorde Randolph Churchill, fôra o terceiro filho do Duque de Marlborough). Mas Winston andava excessivamente fascinado pela política para preocupar-se com môças; tornou-se assim o desespêro das casamenteiras. Naquela noite sentou-se ao lado de Clementine durante o jantar. Mais tarde, pela primeira vez na sua vida, pareceu ter pressa em abandonar a conversa masculina, acompanhada de vinho do Pôrto e conhaque, para fazer companhia às senhoras.

Pediu Clementine em casamento no ambiente luxuoso do Palácio Blenheim, residência do Duque de Marlborough, onde êle nascera. Lady Blanche escreveu a uma amiga: "Êle é delicado e afetuoso com as pessoas de quem gosta, e muito odiado pelos que não sentiram a influência de seu encanto pessoal."

Os Churchills se casaram um mês depois de anunciarem o noivado, o que contrariava tôdas as convenções daquele tempo de noivados prolongados. Em 1908 Churchill já era Deputado e Subsecretário das Colônias. Seus amigos julgavam uma loucura que um rapaz de ambições po-

líticas, sem dinheiro, casasse com uma môça pobre. Alguns dos admiradores de Clementine achavam que o êrro era dela, em desperdiçar sua beleza e seu encanto com "aquêle sujeito renegado, aquêle radical vulgar, que era Winston Churchill".

Embora Clementine Churchill tenha sido, através dos anos, mãe e avó dedicada, e embora ela e Sir Winston sejam muito ligados aos seus quatro filhos, foi sempre êle que ocupou para ela o primeiro lugar. Êle tem sido sua vida e sua carreira.

Clement Attlee, que em poucas coisas tem concordado plenamente com Winston Churchill, observou uma vez: "O que Winston precisa é de gente forte em volta dêle, que lhe diga: 'Deixe de fazer um papel de idiota nesse caso!'"

Lady Churchill é uma mulher forte. Discute com energia com o marido sôbre política e o arrelia quando êle se torna pomposo e retórico. O contrôle de um gênio obstinado e famoso como Sir Winston não pode ter sido fácil, mas ela o tem feito suavemente, com sua receita particular de encantamento.

Em 1947, quando acabava de completar 62 anos, Clementine fêz um discurso para as meninas de sua antiga escola, Berkhamsted.

—Aqui vão uma ou duas regras seguras reunidas em virtude de muitos erros cometidos numa longa vida. Se vocês tiverem algum dia que competir com homens, nunca se tornem agressivas na sua rivalidade. Quem insiste num ponto de vista pode

muitas vezes perder a vantagem que leva. Vocês farão muito melhor em apegar-se tranqüilamente às suas convicções. Mas até mesmo isso precisa ser feito com arte e, sobretudo, com bom humor.

Sua colaboração para a carreira do marido não tem sido sempre negativa, de modo algum. Quando os dois se casaram e Churchill era o alvo preferido da fúria das sufragistas, ela se sentou junto d'ele numa plataforma de conferências e pôs-se a acenar gentilmente para as mulheres que haviam subido ao telhado e tentavam abafar o que êle dizia, berando através de megafones. Em 1911 ela teve de abandonar uma sessão política e correr para casa, a fim de dar à luz seu segundo filho, Randolph. Em 1922, quando sua filha mais mōça, Mary, tinha três semanas de idade, a Sr.<sup>a</sup> Churchill disputou uma eleição praticamente sōzinha, em Dundee, na Escócia, fazendo até três discursos por noite, enquanto Winston estava hospitalizado para uma operação de apendicite. Depois do Dia da Vitória na Europa, quando êle percorria a sua circunscrição eleitoral, fazendo discursos debaixo de chuva, ela o acompanhou, protegendo-o com um guarda-chuva aberto.

Guy Eden, no seu *Retrato de Churchill*, lembra outro exemplo do seu desprendimento. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Primeiro-Ministro sobrevoava constantemente a Mancha debaixo de fogo. Quando os membros do Parlamento, preo-

cupados, pediam que ela o impedisse de fazer isso, ela respondia:

—Há uma porção de jovens arriscando a vida, e Winston cumprirá seu dever haja o que houver. Não serei eu que irei insistir demais para persuadi-lo.

Sir Winston tem muita coisa de menino travêso. Sempre foi sujeito a fortes bronquites, mas assim mesmo tem um gostinho especial em sair sorratamente de casa, sem sobretudo, e ser surpreendido e enfiado num agasalho. A vida inteira tem sido homem de chegar atrasado e nunca se envergonhou disso. Uma das grandes lutas de Lady Churchill sempre foi fazer com que o marido chegasse a horas certas para as refeições. Norman McGowan, camareiro de Churchill de 1942 a 1952, conta em seu livro alguns dos problemas domésticos criados pelo grande homem. Sir Winston sempre gostou de tomar banhos, e com freqüência um depois do outro, quando em busca de inspiração. Em Chartwell, quando êle era Primeiro-Ministro, tomava café na cama, depois trabalhava até pouco antes do almoço, para o qual havia geralmente convidados. A Sr.<sup>a</sup> Churchill às vezes adiantava o relógio do quarto do marido, para obrigá-lo a entrar no banho muito tempo antes de os convidados chegarem. Churchill, que tinha sempre à mão dois relógios de pulso, achava uma delícia apanhá-la nessa manobra.

Mesmo depois da chegada dos convidados, o Primeiro-Ministro se de-

morava no banho, submergindo e soprando como uma baleia, ensaiando discursos, e às vezes chamando uma secretária para sentar-se do lado de fora da porta do banheiro e tomar nota de uma inspiração. A Sr.<sup>a</sup> Churchill batia na porta, dizendo ao criado de quarto de Churchill que os convidados já estavam à mesa e que êle “desse um jeito” no patrão. Só então é que o Primeiro-Ministro saía do banho. E, quando se apresentava à mesa, olhava para os convidados e perguntava, com um olhar de soslaio para a mulher:

— Por que é que alguém não me disse que os senhores estavam aqui?

Os gostos pessoais de Lady Churchill são modestos. Ela mesma lava seus cabelos e, embora seja meticulosa quanto à linha e o corte de suas roupas, nunca possuiu um grande guarda-roupa. Na sua vida social é igualmente sem pretensões. Responde às cartas que recebe com rapidez e calor. Diz uma amiga: “Ela chega a escrever agradecimentos para bilhetes de agradecimento.”

No outono do ano passado, os passageiros de um ônibus de Londres olharam para fora e viram Lady Churchill correndo para apanhar o veículo. Um côro de vozes mandou o motorista parar:

— É Lady Churchill!

O motorista parou para que ela entrasse. A Sr.<sup>a</sup> Churchill agradeceu, agradeceu aos passageiros, cuja recomendação tinha ouvido, e sentou-se. Quando saltou, um trabalhador que ia no banco da frente voltou-se e

disse, com absoluta falta de reserva inglêsa:

— Isso sim é que é uma grande dama!

Sir Winston seria o primeiro a concordar. Uma vez a atriz de cinema Arlene Dahl lhe perguntou qual a idéia que êle fazia de mulher bonita, e êle respondeu:

— Como minha mulher.

Os dois se dão as mãos em público e cochicham como recém-casados. Em Ascot passeiam pela pista de braço dado. Sempre que ela está na galeria da Câmara dos Comuns, êle olha para cima ao levantar-se para falar, e antes de começar espera que ela faça um pequeno gesto com a mão.

Em junho de 1953 Winston Churchill sofreu uma congestão e correu o boato de que êle não terminaria o seu mandato como Primeiro-Ministro. Sua primeira aparição em público, depois da doença, foi no Congresso anual do Partido Conservador, onde se reuniram mais de 3.000 pessoas para vê-lo. Sydney Jacobsen, redator político do *Daily Mirror* de Londres, narrou o episódio da seguinte maneira:

“Êle falou 40 minutos, mais lentamente do que de costume, com Lady Churchill sentada ao seu lado. Durante todo êsse tempo ela não desviou por um instante os olhos do rosto do marido. Era como se estivesse *influindo* com a vontade para que êle fôsse bem sucedido até ao fim. Uma vez êle citou um número errado e ela o corrigiu baixinho. Êle sorriu, deu o número certo, e conti-

nuou. Quando afinal se sentou, recebendo uma ovação estrondosa, ela se recostou, deixando as mãos caírem no colo. Parecia mais exausta do que êle.”

É difícil calcular exatamente quanto o tem ajudado contar com ela ao seu lado. A verdade é que as pessoas que o têm acompanhado em viagens durante as quais êle adoeceu—uma ou duas vêzes, gravemente—dizem que no momento em que ela chegava à sua cabeceira êle logo apresentava melhoras.

Quando foi conferido a Sir Winston o Prêmio Nobel de Literatura, em 1953, êle teve de ir às Bermudás para uma reunião dos Três Grandes por ocasião do oferecimento do Prêmio. Normalmente o Embaixador

Britânico na Noruega o teria representado para receber a honraria, mas naquela ocasião as autoridades suecas pediram especificamente que Lady Churchill tomasse o lugar do marido em Estocolmo. Na noite da entrega, esplêndidamente vestida, com uma tiara de brilhantes pousada de leve sôbre os cabelos brancos, Clementine Churchill representou maravilhosamente o seu papel. E ao terminar, 1.000 suecos desataram a cantar: “Oh querida, oh querida, oh querida Clementine.”

Exprimiam com isso os sentimentos de todos que a conhecem, inclusive Sir Winston. Conforme êle escreveu na sua autobiografia, no fim do capítulo sôbre sua juventude: “Casei-me e vivi feliz para sempre.”



*Lar, Doce Lar:* O defeito de algumas dessas lindas casas novas é que estão localizadas além das nossas posses (*Popular Science*) . . . A melhor época para reduzirmos o tamanho do jardim é quando temos de comprar as sementes (Ivan Helmer)

*Acredite que é Verdade:* A distância mais longa entre dois pontos é um atalho desconhecido (Frank G. McInnis) . . . O homem é sempre jovem como se sente, mas raramente importante como se julga (*Desert Wings*) . . . Ninguém aprecia tão bem o valor da crítica construtiva como quem a faz (Hal Chadwick)



### *Círculo Vicioso*

ÀS VÊZES parece que neste mundo da mecânica nossas invenções estão ficando mais inteligentes do que nós. Há pouco tempo um amigo nosso verificou que a buzina do carro dêle estava enguiçada. Homem de ação pronta, foi na mesma hora mandar consertá-la. Viu-se, porém, impedido por um letreiro à entrada da oficina: “Pare! Porta Automática. Toque a Buzina.”

—Quote